

## **AUTORRETRATOS: INTERVENÇÃO E ARTE DE RUA – UMA AÇÃO MEDIADORA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

Maria Inês Ruas Vernalha / FAAT Faculdades

### **RESUMO**

Este artigo apresenta um Projeto Interdisciplinar realizado com alunos de Artes Visuais da FAAT – Faculdades, em Atibaia, abordando as possibilidades de organização de percursos educativos, teóricos e práticos que promovam a criação de conexões entre autorretrato, arte de rua e construção de identidade, focos deste estudo. Trata da relevância de o educador atuar como um mediador que propicia a aproximação dos alunos com os símbolos da arte e com a ampliação e compreensão da cultura e do mundo contemporâneo. Os futuros professores participaram do desenvolvimento do projeto “Autorretrato” como construtores ativos do processo. A dinâmica de “*aprender a conhecer*” foi amplamente empregada no decorrer do trabalho, concepção de pedagogia que estimula a capacidade de questionar, interagir e analisar diferentes hipóteses.

### **PALAVRAS-CHAVE**

identidade; autorretrato; arte de rua; educação.

### **RESUMEN**

En este trabajo se presenta un proyecto interdisciplinario realizado con estudiantes de Artes Visuales de FAAT – Faculdades, en Atibaia, abordando las posibilidades para la organización de trayectorias educativas, teóricas y prácticas que promuevan la creación de conexiones entre autorretrato, arte urbano y construcción de identidad, enfoques de este estudio. Trata de la relevancia de que el profesor actúe como un mediador que propicia la aproximación de los alumnos con los símbolos del arte y con la expansión y comprensión de la cultura y del mundo contemporáneo. Los futuros profesores participaron en el desarrollo del proyecto "Autorretrato" como constructores activos del proceso. La dinámica de "aprender a conocer" fue ampliamente utilizada durante el trabajo, concepto de la pedagogía que estimula la capacidad de cuestionar, interactuar y analizar diferentes hipótesis.

### **PALABRAS-CLAVE**

identidad; autorretrato; arte urbano; educación.

## Introdução

O objetivo deste estudo foi o de instigar os professores em formação a realizarem pesquisas em torno do conceito de interdisciplinaridade e a desenvolverem um projeto, teórico e prático, com abordagem nas possíveis conexões entre autorretrato, arte de rua e construção de identidade.

O tema “autorretrato” foi escolhido para fazer parte de um projeto de intervenção e arte de rua por ser um tema que provoca reflexões sobre construção de identidade. Optou-se por trabalhar com um projeto que trouxesse a ideia de autorretrato como autorrepresentação, uma possibilidade de se exercitar o autoconhecimento. Uma “materialização” do que o autor imagina, idealiza ou deseja (PESSOA, Helena G. R. *Auto – Retrato – o espelho, as coisas*. São Paulo, 2006, p.1). O autorretrato pode ser considerado uma espécie de autorrepresentação, um modo de se firmar identidade e registrar presença, característica que também está presente na arte de rua. “O autorretrato mostra um rosto. E também reflete uma personalidade” (CANTON, 2004, p.26).

Na arte de rua, os jovens adotam uma marca, individual ou grupal. Possuem um estilo pessoal que é reconhecido por todos, uma forma de firmarem suas próprias identidades. As paredes das cidades servem como meio de comunicação entre os artistas de arte de rua e as pessoas da sociedade (poder público, autoridade, proprietário do muro etc.). Os grupos disputam os espaços dos muros nas cidades por meio de inscrições com seus apelidos, desenhos contendo símbolos pessoais ou deixando recados que apontam para compromissos sociais (ARCE, 1999, p.124). O desenho do artista de rua nem sempre precisa ter a assinatura do autor.

A partir dessas considerações, com o objetivo de fomentar reflexões sobre as relações entre arte e construção de identidade, a arte de rua foi escolhida como modalidade artística para fazer parte de um projeto interdisciplinar desenvolvido com os alunos da licenciatura em Artes Visuais.

Acredita-se que o professor em formação precisa produzir arte e ser motivado no sentido de tomar decisões sem se distanciar da sua poética pessoal. Essa vivência deverá servir de estudo para o aluno aprender sobre modos de representação

inseridos nos contextos históricos, culturais, sociais e antropológicos. COUTINHO afirma que “[...] a proximidade com os objetos artísticos de diferentes épocas e procedências e a familiaridade com os procedimentos que os constituem, facilitam o encadeamento dos vários níveis de leitura e apropriação” (In BARBOSA, 2003, p.156).

O desenvolvimento de projetos interdisciplinares, com temas que usarão na prática docente, auxilia os alunos a *aprender a conhecer*. A mediação é praticada na ação docente porque o trabalho com projetos interdisciplinares requisita a participação constante do professor e dos alunos. Trata-se de um sistema de inter-relações fecundas fazendo parte do processo: o objeto do conhecimento, o aluno, o professor/mediador, a cultura, a história, o artista, “a instituição cultural, a escola, a manifestação artística, os modos de especificação, a materialidade e suporte de cada linguagem artística...” (MARTINS In BARBOSA, 2003, p.56).

Organizar propostas que abordem a interdisciplinaridade contribui para se criar interconexões de códigos culturais e entre temas, conteúdos e meios de produção da arte contemporânea. Na ação docente, o arte-educador atua como o mediador responsável por proporcionar a apreensão de conhecimentos por parte dos seus alunos sobre as manifestações artísticas.

O projeto realizado com os alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, com enfoque interdisciplinar, teve seu desafio ampliado devido à participação dos professores em formação no desenvolvimento de um trabalho que envolveu estratégias de busca, organização e estudo a partir de diferentes fontes de informação, acerca da temática do autorretrato na história da arte e sua relação com a construção de identidade e, também, sobre arte de rua, usada como um meio de expressão para comunicar ideias, enviar mensagens pessoais e se firmar identidade.

Algumas possibilidades de prática de ensino engajadas com a arte contemporânea são apresentadas neste trabalho. Foram feitas atividades individuais e grupais com os alunos em formação, para exercitarem o fazer artístico, aprenderem a conhecer e poderem articular seus repertórios artísticos às teorias e práticas na ação docente.

## **Formação de professor: *aprender a conhecer***

A grade curricular do Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAAT – Faculdades oferece conteúdos para o aluno em formação adotar a ideia de *escola* como um espaço aberto que possibilita a inserção de mecanismos de integração entre comunidade, professores e alunos. Está voltada para um ensino que incentiva a conquista da autonomia por meio de estratégias que instigam o aluno a *aprender a conhecer*. Busca-se renegar as metodologias que priorizam a memorização, a repetição de modelos utilizados no ensino tradicional e a dependência intelectual do aluno em relação ao professor.

No Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1998, p.90), denominado Relatório Jacques Delors, concluído em setembro de 1996, os professores são apontados como os responsáveis pela promoção de mudanças e formação de caráter e espírito das futuras gerações. De acordo com o Relatório para a UNESCO, a educação deve combinar quatro aprendizagens fundamentais, consideradas “os pilares do conhecimento”: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*.

A atenção, a concentração, a memória e o pensamento são requisitados frequentemente quando se exercita o *aprender a conhecer*, aspectos essenciais que auxiliam no desenvolvimento integral dos alunos. Devido ao número excessivo de imagens-clichês que recebemos por meio da mídia, disponibilizadas na linguagem verbal e visual, a nossa atenção e o processo de descoberta são prejudicados. As informações são adquiridas de maneira supérflua, fato que compromete a capacidade de apreensão do conhecimento e promove um nivelamento em termos de percepção.

A repetição de imagens que vivenciamos no dia a dia promove um estado de distração concentrada, é uma espécie de fuga, uma forma de não se lidar com a dor, destaca Christoph Türcke (2010, p.1). O ser humano recorre à compulsão da repetição para exorcizar o que é ruim, para suportar o que é insuportável. Os temas mais importantes são deixados de lado porque sempre há algo que desvia a atenção das pessoas para outro assunto, fato que compromete o desenvolvimento da

capacidade de concentração. “Sempre há alguma coisa que me desvia das coisas das quais tomo conta. Isto representa uma ameaça ao próprio “tomar conta” enquanto dedicação a alguma coisa ou a uma pessoa”, relata Türcke, (2010, p.1).

O homem perde espaços de concentração e de dedicação, repetidamente, fruto do autorreforço produzido pelo sistema em que vivemos.

Acredita-se que por meio da vivência com a arte é possível criar momentos que introduzam as pessoas em espaços de concentração, de dedicação e de reflexão, o que Türcke denomina “ilhas de sossego, de silêncio” (2010, p.1). Em entrevista para Álvaro Kassab, Türcke ressalta que a mídia promove um estado de distração concentrada podendo imitar o conteúdo onírico do ser humano. Ela é dirigida para um público que vive constantemente distraído. A mídia “[...] substitui os sonhos das próprias pessoas, fornecendo-os prontos, como se eles fossem comida encontrada no supermercado” (TÜRCKE, 2010, p.1). A grande máquina transmite para as pessoas conteúdos próprios dos sonhos, emoções, opiniões, intenções, ideias. Segundo Türcke, “[...] trata-se de um processo de desapropriação das capacidades básicas mentais das pessoas” (2010, p.1).

Incentivar o futuro arte-educador a produzir arte significa instigá-lo a penetrar em “ilhas de sossego, de silêncio”. A ideia é criar espaço para o aluno de Artes Visuais aprimorar sua percepção e construir sentidos, porém, reaprendendo a perceber o mundo não por meio da relação conceitual, considerada necessária por Mário Pedrosa, mas nefasta quando domina o pensamento artístico (In ARANTES, 1996, p.15). Ao vivenciar uma experiência estética, a pessoa conhece o mundo de maneira direta, sem interferência de conceitos ou símbolos, “[...] ocorre um envolvimento total do homem com o objeto estético” (DUARTE Jr., 1986, p.91).

### **Arte de rua: um espaço para se firmar identidade**

Na ação docente, os futuros arte-educadores irão ter como alunos, no ensino sistematizado, jovens e adolescentes que apreciam a arte de rua. Gerar experiências que levarão para a prática docente contribui para o aluno em formação ampliar suas “[...] possibilidades de compreensão do mundo na interlocução com as poéticas” (IAVELBERG In SILVA, 2010, p.65), conhecer a si próprio e revigorar o

processo de interação com os outros. De acordo com Lavelberg, “[...] a interlocução poética é também uma forma potente de aproximação das questões sociais e humanas” (In SILVA, p.65).

Desenvolver um projeto sobre “autorretrato” no contexto da arte de rua motivou os alunos de Artes Visuais por ser a *street art* uma modalidade artística que aborda técnicas instigadoras, como o *graffiti*, o lambe-lambe, o *stencil* ou o *sticker*, e possibilita se fazer interferências em espaços urbanos, seja por meio da mensagem ou através do resultado estético. Um meio de expressão utilizado para os artistas se comunicarem, fazerem algum tipo de crítica social ou política utilizando os muros, as lixeiras ou os tapumes das cidades como suporte para a arte.

O lambe-lambe, também denominado cartaz, pode conter desenhos, poesias, colagens ou pinturas. Os lambe-lambes são reproduzidos várias vezes por meio de cópias reprográficas e colados sobre paredes, tapumes, lixeiras etc. A repetição dos cartazes, colados lado a lado, cria mensagens diversificadas, com conteúdo político, social ou lúdico. O *stencil*, não raro, aparece em trabalhos de *graffiti*. Nesta técnica, o desenho feito pelo artista, em folha de papel resistente ou outro material, é recortado restando um espaço negativo (um vazio) e alguns detalhes da imagem. O papel contendo o recorte vazio do desenho é fixado na parede para receber um jato de tinta *spray*. O desenho criado pelo artista pode ser gravado na parede várias vezes utilizando-se a mesma “máscara”.

Na arte urbana, os muros das cidades servem como meio de comunicação e galeria de arte. A parede coberta pela cor cinza da poluição ganha desenhos coloridos e torna-se um meio de contato entre o jovem e a sociedade. Pode-se verificar a mudança que ocorre nas paredes das cidades observando-se o *Leake Street Tunnel*, em Londres, localizado em uma rua que fica sob a estrada de ferro que sai da estação Waterloo, um local em que é permitido grafitar (CANALLONDRES.TV, 2014).

Na obra *Banksy: por trás das paredes* (2013), Will Ellsworth-Jones relata que os desenhos do *Leake Street Tunnel* contêm uma marca pessoal importante denominada *tag* (ELLSWOTH, 2013, p.43). Essa marca é a assinatura do artista,

sua identificação. Na sequência vem o *throw up* (vômito), duas letras do nome feitas em duas cores, uma que preenche a letra e outra que a contorna. O artista também faz o *dub*, o nome completo desenhado em duas cores. “Em seguida vem a *piece* [peça ou obra] ou *masterpiece* [obra prima], na qual o nome elaborado é pintado sobre um fundo que às vezes é quase que igualmente elaborado” (ELLSWOTH-JONES, 2013, p.43). O “estilo selvagem”, *wildstyle*, quase impossível de se ler, uma espécie de caligrafia competitiva, é inserido no trabalho. Nesta etapa, um artista ataca o estilo de outro artista. A *production* (produção), marcas feitas em tamanho maior, é realizada por uma equipe ou gangue de amigos.

A arte urbana é uma forma de arte que acontece fora das galerias e dos museus, um espaço democrático de comunicação, uma manifestação social que interfere e modifica o meio urbano. Essa ressignificação das cidades também acontece no campo estético e não somente social. A arte de rua pode ser feita também sobre cartazes ou anúncios publicitários alterando suas mensagens originais.

Na arte urbana, o artista iniciante não precisa dominar regras complexas de desenho. As técnicas são aprendidas com facilidade, e os artistas de rua podem copiar trabalhos de outros artistas sem se preocuparem com questões relativas a direitos autorais (PROSSER, 2006, p.7). As pinturas e os desenhos da arte de rua interferem no espaço urbano, dão autenticidade e autonomia ao local configurado e reforçam a marca pessoal do artista.

### **Autorretrato como tema para arte de rua e identidade**

A construção da identidade foi abordada durante o desenvolvimento do projeto de arte de rua em dois contextos: no exercício da experiência estética (na construção dos saberes singulares) e em torno de questões relacionadas à diversidade cultural.

Os elementos de composição da arte urbana, como o lambe-lambe, o desenho ou o *stencil*, possibilitam, por meio da livre associação e da quebra de linearidade, na realização do trabalho, diversificar formas de expressão, inventar “realidades” imaginadas, criar metáforas. Os alunos perceberam que o ambiente é transformado de acordo com o envolvimento inteligível e emocional do artista resultando em um traba-

lho autoral, que contém um estilo pessoal, reconhecido pela comunidade ou por outros grupos de arte de rua.

Os cartazes lambe-lambes feitos para compor o trabalho, cujo tema foi “autorretrato”, focaram a ideia de autorrepresentação, mas não se limitando à perspectiva de autorretrato como uma reprodução fiel da própria imagem. Levando-se em conta que poderão utilizar este projeto na prática docente, ressaltou-se a importância em investirem na criação do autorretrato a partir do olhar que tinham sobre si mesmos, com sentido de identidade e individualidade, abrigando características do universo particular de cada um. Foi relevante lembrar os futuros arte-educadores de que os jovens que frequentam os Ensinos Fundamental e Médio nem sempre conseguem fazer um autorretrato nos moldes realistas.

No Relatório Jacques Delors (1998, p.58), encontra-se a afirmação acerca do quanto é importante se valorizar a diversidade e a especificidade das pessoas, o que nem sempre acontece no sistema de ensino padronizado. O professor de arte deve levar para a sala de aula assuntos que abordem a riqueza das expressões culturais pertencentes às diferentes raças, etnias, classes sociais ou gêneros. Procurando atender a essa perspectiva, os alunos de Artes Visuais estudaram a obra de Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil* (1995), conteúdo indispensável para se refletir sobre pluralismo cultural e noção de identidade.

Vale lembrar que a formação do povo brasileiro tem suas origens na fusão entre o índio, o negro, os povos colonizadores (os portugueses) e os imigrantes, (holandeses, franceses, italianos etc.). Conforme os portugueses tinham filhos com as índias, nativas, e com as negras, trazidas ao Brasil por conta do tráfico de escravos, uma nação mestiça foi se formando. A construção da identidade de brasileiro do mameluco, filho de branco com índio, foi drástica. Segundo Darcy Ribeiro (1995, p.108), o mameluco era rejeitado pelo pai, que o considerava um impuro filho da terra, e pela mãe indígena, pois, devido à sua tradição, a mulher servia somente para gerar a semente depositada pelo pai, e quem nasce é filho somente do pai.

Os negros, trazidos da África ao Brasil, que tinham os mesmos dialetos, eram separados para se evitar a formação de núcleos de escravos que se comunicavam e pu-



dessem desenvolver algum tipo de resistência (RIBEIRO, 1995, p.114). Diante desses fatos ocorreu a destruição das culturas negras e indígenas.

O que se herdou dos conflitos gerados com a formação do povo brasileiro foi a solidificação do conceito de etnocentrismo, noção que leva a pessoa a considerar a sua cultura ou seu grupo étnico o mais importante de todos. Em decorrência disso, a tendência é se desenvolver nas sociedades o senso de preconceito e discriminação que não leva em conta a diversidade dos indivíduos.

Trabalhar com temas que contemplem a *educação para o pluralismo* e o investimento em uma educação intercultural que auxilie na construção da identidade própria, na qual diferentes grupos com suas especificidades sociais e culturais caminhem par a par, são os objetivos da FAAT – Faculdades. Banir a ideia de ensino padronizado, que limita a realização pessoal e impõe o modelo cultural e intelectual dominante, e investir em uma educação que auxilie na construção da identidade devem ser o foco de uma educação para o pluralismo, uma educação libertadora.

A execução do projeto “Autorretrato” foi dividida em várias etapas. Inicialmente, os alunos da Licenciatura em Artes Visuais estudaram o percurso do autorretrato na arte, um gênero artístico que passou por mudanças significativas na maneira de expressão no decorrer da história da arte.

A grande maioria dos estilos artísticos contém obras, pinturas e esculturas de autorretratos, realistas ou abstratos. Desde o Renascimento até o fim do século XIX, as artes ocidentais foram dominadas por um sistema de construção da perspectiva que mostra um ponto de vista único e o ilusionismo da representação plástica de três dimensões em um suporte plano como a tela. No final do século XIX, sob a influência de um maior conhecimento das artes não ocidentais e sob o impacto ocasionado pela invenção da fotografia, os artistas passaram a contestar a representação do espaço perspectivo colocando em pauta os próprios fundamentos da representação plástica no espaço. As formas expressivas apresentadas pelos artistas ampliaram a percepção, suplantando aspectos anteriores já aceitos e convencionados pela sociedade (MENEZES, 1997, p.45).

A pintura começou a se libertar das obrigações utilitárias de servir de informação, representando mimeticamente o mundo. Os artistas começaram a representar as realidades da experiência, não imitando mais a aparência das coisas, inovação apresentada nas pinturas de autorretrato. Passou-se a expressar o espírito, as sensações e os símbolos do homem, divisor de águas que contribuiu para o desenvolvimento do projeto sobre autorretrato. Para a realização do autorretrato, os alunos de Artes Visuais foram estimulados a não fazerem cópias nos moldes realistas das fotografias que escolheram para servir de modelo.

Concluídos os estudos sobre o autorretrato na história da arte e as possíveis relações com o autoconhecimento, os alunos pesquisaram sobre arte de rua e a correspondência entre os símbolos da arte e o sentimento de identidade. Nesta etapa, foi importante destacar que convivem juntos nas escolas a multiplicidade de etnias, os talentos individuais e a diversidade das expressões culturais de vários grupos. O exercício do respeito pela diversidade e pela especificidade das pessoas, físicas ou psicológicas, deve ser um fator de coesão social.

Na sequência do desenvolvimento do projeto, cada aluno criou seu autorretrato usando técnicas e materiais diversificados, como colagem, pintura ou desenho. Não foi feita a cópia mimética da fotografia usada como modelo, visto que, na ação docente, os futuros arte-educadores irão ter como alunos jovens que sentem dificuldade em produzir um retrato no estilo realista.

Após esta etapa, foram feitas cópias reprográficas dos trabalhos, coloridas e em preto e branco, na dimensão A3, para servirem de cartazes, denominadas lambe-lambes. Os cartazes foram colados em paredes, numa extensão de 50 metros, no interior do campus da FAAT – Faculdades, mantendo-se uma pequena distância entre cada grupo de imagem (Figuras 1 e 2).



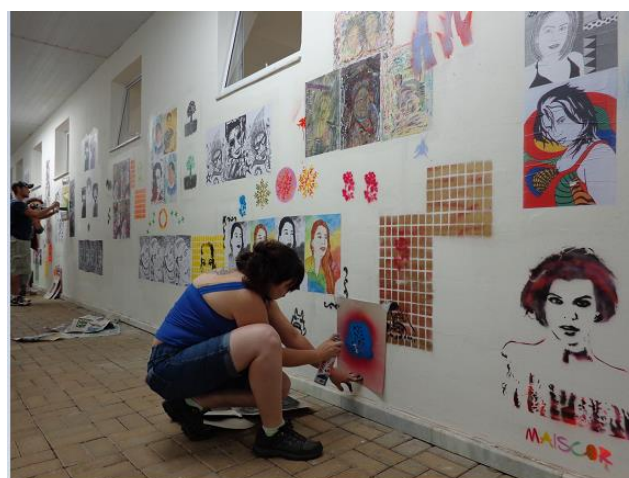
Autorretrato / lambe-lambe  
aluna de Artes Visuais  
Fonte: acervo da autora



Autorretrato / lambe-lambe  
aluno de Artes Visuais  
Fonte: acervo da autora

Na finalização do projeto, foi realizada uma intervenção no campus da FAAT – Faculdades, no horário de intervalo das aulas, momento em que os alunos de todos os cursos da faculdade transitavam pelos corredores. A etapa da colagem dos cartazes lambe-lambes aconteceu anteriormente ao dia da intervenção.

A partir das marcas feitas com os *stencils*, no dia da realização da intervenção, os alunos modificaram a estrutura arquitetônica da FAAT – Faculdades (Figuras 3 e 4). Alteraram a configuração das paredes externas da biblioteca inserindo conteúdos expressivos singulares, um momento para se comunicar ideias, se aprimorar a percepção.



Intervenção com *stencil* - alunos de Artes Visuais  
Fonte: acervo da autora

Segundo Guy Amado (2009, p.1), na intervenção, o artista apreende o espaço como um local de comunicação possível de se “[...] embutir um comentário crítico de ordem cultural ou sociopolítica”.



Intervenção com *stencil* – alunos de Artes Visuais  
Fonte: acervo da autora

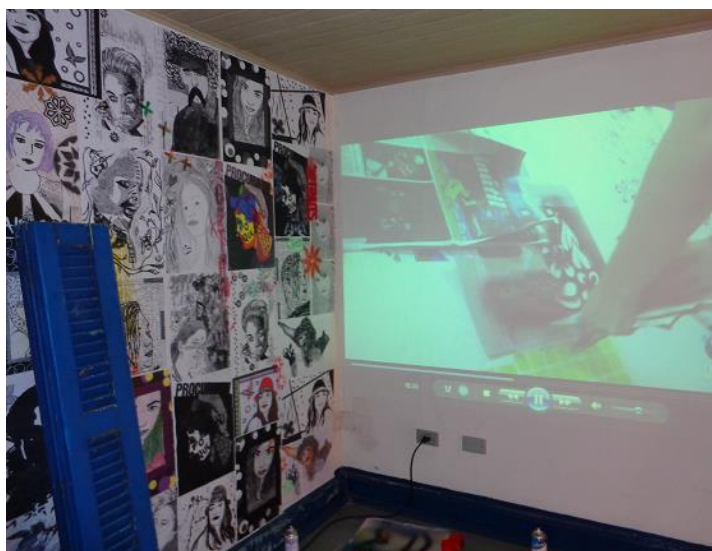
A música *Inclassificáveis*, de Arnaldo Antunes, foi a escolhida para o momento da intervenção. Novamente, a questão da identidade foi inserida no contexto do trabalho. Na música, Arnaldo Antunes questiona: *que preto, que branco, que índio o quê?* O compositor nos remete à formação do povo brasileiro, uma mescla de índio (nativos), portugueses (colonizadores) e africanos (negros escravizados pelos portugueses).

Arnaldo Antunes cria diferentes etnias que se mesclam e formam novas raças a partir da invenção de palavras derivadas da junção de outras e de povos, como por exemplo, *crilouros*, que deriva de crioulos e louros, *orientupis*, de *orientais* e tupis, povo indígena brasileiro, *guaranisseis*, de guaranis e nisseis, ou *judárabes*, de judeus e árabes etc.

Nesta etapa do projeto, trabalhando sobre as colagens dos autorretratos, ao construírem novas sínteses pessoais, os alunos firmaram suas identidades. A função da parede externa da biblioteca foi ressignificada. O local transformou-se em um

espaço expositivo (Fig.4).

Na exposição anual de Artes Visuais, foi montada uma instalação com o registro da intervenção feita pelos alunos na FAAT – Faculdades (Fig.5).



Mostra anual de Artes Visuais – Instalação: “Autorretrato”  
Fonte: acervo da autora

### **Considerações finais**

Ao longo do desenvolvimento do projeto “Autorretrato”, observou-se que os alunos do curso de Artes Visuais se envolveram com os trabalhos e se mantiveram motivados, contribuindo por todo o tempo com reflexões e ideias inovadoras. Percebeu-se que os professores em formação precisam vivenciar situações de aprendizagem que contribuam na organização de percursos educativos para utilizarem na prática docente. Auxiliar os professores em formação por meio de propostas que possibilitem a proximidade desses educadores com os objetos artísticos permite que construam novos conhecimentos e adquiram uma ampliação nos níveis de compreensão sobre arte.

Neste contexto, as regras da realidade do dia a dia não fornecem dados para a consciência, não mediam o relacionamento com sistemas conceituais. O mundo “real” é colocado em suspenso, se mantém estagnado. Segundo Duarte Jr. (1986, p.91), a percepção vivenciada em uma experiência estética acontece de maneira

diferente da percepção do dia a dia. Na experiência estética ocorre uma espécie de suspensão momentânea “(...) da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja. Ela se dá com a *percepção global* de um universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação”.

Estimular o aluno a vivenciar o fazer artístico amplia as possibilidades de se tomar contato com o conhecimento sensível, o objeto de conhecimento primeiro, que ocorre antes do conhecimento inteligível (DUARTE JR., 2004, p.136).

Observou-se que a experiência vivida pelos grupos, professores e educadores em formação promoveu momentos de reflexões e discussões em torno do processo de formação de professores. Os depoimentos positivos dos alunos sobre a experiência de participar de um projeto que envolveu autorretrato, arte de rua e construção de identidade os mobilizaram no desejo de aprender arte.

Todos concordaram que os conteúdos abordados neste trabalho podem auxiliá-los a definir caminhos para trabalharem com arte na Educação Básica. No exercício do *aprender a conhecer*, participando como aprendizes de professores e praticando o fazer artístico, penetraram em “ilhas de sossego”, momentos de concentração que forneceram dados para a apreensão de leituras e reflexões em torno do âmbito do artista e de uma prática pedagógica que incorpora o fazer, fruir e refletir sobre arte.

## Referências

AMADO, Guy. *Arte Contemporânea*. Revista Continuum. Itaú Cultural, março-abril de 2009.

ARANTES, Otilia (org.). *Forma e percepção estética: textos escolhidos II*. Mário Pedrosa. EDUSP, 1996.

ARCE, José M. V. *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2003.

CANALLONDRES.TV. Disponível em: <<http://www.canallondres.tv/canal-londres->

video-o-tunel-do-grafite-leakestreet.html>. Acesso dezembro 2014.

CANTON, Katia. *Espelho de artista: auto-retrato*. São Paulo: Cosac e Naif, 2004.

COUTINHO, Rejane C. A formação de professor de arte. In: BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2003, cap.13, p.153.

DUARTE Jr., João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação do sensível*. 3ª ed. Curitiba: Criar Edições Ltda., 2004.

\_\_\_\_\_. *O que é beleza*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ELLSWOTH-JONES, Will. *Banksy: por trás das paredes*. Curitiba: Edit. Nossa Cultura Ltda., 2013.

IABELBERG, Rosa. O pêndulo didático. In: SILVA, Dilma de M. *Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade no estudo e pesquisa da arte e cultura*. São Paulo: Terceira Margem, 2010, 336p, p.59.

MARTINS, PICOSQUE & GUERRA. *A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste. Aquecendo uma transforma-ção: atitudes e valores no ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2003, cap.4, p.49-60.

MENEZES, Paulo. *A trama das imagens: manifestos e pinturas no começo do séc. XX*. São Paulo: Edusp, 1997.

PEDROSA, Mário. A arte e as linguagens da realidade. In: ARANTES, Otília (org.) *Forma e Percepção Estética: Textos Escolhidos II*. São Paulo: EDUSP, 1996, p.14.

PESSOA, Helena G.R. *Auto – Retrato – o espelho, as coisas*. 2006. 51p. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-03062009-120522/pt-br.php>>. Acesso em: 01 novembro 2014.

PROSSER, Elisabeth S. *Arte de rua, caricatura e gravura: crítica e política*. In: IV FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, 2006, Curitiba. Anais. ISSN 1809-2616. Curitiba, 2006. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Disponível em: <[http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais4/elisabeth\\_prosser.pdf](http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais4/elisabeth_prosser.pdf)>. Acesso em: 6 fevereiro 2014.

Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1998.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro, a Formação e o Sentido do Brasil*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Dilma de M. (org.). *Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade no estudo e pesquisa da arte e cultura*. São Paulo: Terceira Margem, 2010, 336p.

TÜRCKE, Christoph. *Sob a mira da metralhadora audiovisual*. Entrevista concedida à Álvaro Kassab. *Jornal da Unicamp*. Campinas, 4 a 17 de outubro de 2010. Ano XXIV, nº 477. Disponível em:

<[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/outubro2010/ju477\\_pag0607.php#](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2010/ju477_pag0607.php#)>. Acesso em 12 de novembro de 2014.

### **Maria Inês Ruas Vernalha**

Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Coordenadora da Licenciatura em Artes Visuais e professora nos cursos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Relações Públicas, Design de Interiores e Artes Visuais, Graduação e Pós-graduação da FAAT – Faculdades. Dedicar-se, em suas pesquisas, ao estudo e aplicação das metodologias relacionadas ao ensino da arte e à formação docente e prática pedagógica.